

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM PAUTA

Maria Christina Barbosa de Almeida e Elisa Machado

Apresentação

Nos dias 23 e 24 de agosto de 2006, participamos, como mediadoras, do evento "*Encontros com a Biblioteca: Bibliotecas comunitárias e populares: diálogo com a universidade*", organizado pela equipe do Centro de Documentação e Referência do Itaú Cultural. Trata-se de uma iniciativa arrojada do Itaú Cultural que, em duas noites de trabalho, possibilitou-nos conhecer experiências comunitárias que têm como foco a criação de bibliotecas e o incentivo à leitura. O objetivo do evento foi reunir lideranças locais envolvidas nesses projetos, estudantes e professores, bem como o público interessado, criando espaço para trocarem experiências, refletirem sobre práticas e tentarem aproximar ação e teoria.

Foram apresentadas seis iniciativas: Biblioteca do Projeto Casulo; Projeto de mediação de leitura da Obra social da Paróquia de São Mateus Apóstolo; Biblioteca Comunitária "Livro-para-que-te-queiro"; Biblioteca UNAS Heliópolis; Biblioteca Comunitária Solano Trindade e Associação Biblioteca Zumaluma; e também o projeto de pesquisa "Estudo de viabilidade para implantação de uma biblioteca na Obra Social Paróquia São Matheus Apóstolo", desenvolvido por um estudante do curso de biblioteconomia e documentação da USP. Um resumo dessas iniciativas, embasado, principalmente, nessas apresentações, faz parte do presente relato.

Esse *Encontros* é especialmente relevante por favorecer a integração de instâncias que deveriam estar atuando juntas, pois se completam: tendo como ponto de partida as suas experiências, os protagonistas das iniciativas elaboram saberes importantes para a universidade, que, embora crie, sistematize e transmita conhecimento, pouco tem feito – pelo menos na cidade de São Paulo – em termos de ensino, pesquisa e trabalhos de extensão, nessa área específica.

Os organizadores do evento sugeriram um roteiro para a apresentação das iniciativas, mas os convidados puderam escolher segui-los ou não. Esperava-se que esses relatos não fossem a mera descrição das experiências, nem se ativessem apenas aos aspectos positivos das mesmas, mas que dessem espaço ao contraditório e ao conflito, que mencionassem os valores que as sustentam, o

impacto que suas ações provocam na sociedade civil e política, os resultados qualitativos e quantitativos de suas ações e que destacassem as dificuldades e desafios que enfrentaram e ainda enfrentam no seu dia-a-dia.

Os organizadores e mediadores, ao planejarem o evento, já delinearão alguns de seus fios condutores, que podem ser expressos por questões tais como: O que é comunidade na sociedade contemporânea? A biblioteca comunitária é possível? Como surge? Como opera e sobrevive? Em que difere da biblioteca pública? Qual resposta dá à população? Que mudanças provoca na comunidade? Como, nesses espaços ou por meio dessas ações, se articulam o local e o global?

Contexto e conceitos

Os ambientes que convencionamos chamar de 'bibliotecas comunitárias' são ainda pouco estudados na universidade, em que pese sua relevância no panorama sociocultural de nosso país. A expressão 'biblioteca comunitária' já é, por si só, uma questão a ser discutida, pois lida com um conceito – o conceito de comunidade – que sofreu grandes transformações a partir dos anos 90.

O senso comum de que o que caracteriza uma biblioteca comunitária é ser uma iniciativa dos membros da comunidade, que tem como público-alvo a mesma comunidade que a mantém, não dá mais conta de todas as formas de ação comunitária que estão se desenvolvendo atualmente.

A comunidade hoje não é mais "um espaço exclusivo da sociedade civil" e nem apenas "um campo aberto ao exercício das políticas públicas estatais, planejadas, coordenadas e executadas pela ação governamental" (GOHN, 2005, p.53). Trata-se de um "campo multifacetado, de uma esfera pública" em que se articula "uma multiplicidade de agentes e atores sociais, dentre os quais se destacam o chamado Terceiro Setor (ONGs, organizações de assistência social, fundações sociais de empresas privadas), as universidades – agora vistas como parceiras do desenvolvimento local –, setores governamentais, algumas alas de sindicatos, diferentes fóruns sociais e alguns poucos movimentos sociais remanescentes da década de 80 ou que foram criados nos próprios anos 90", algumas vezes articulados em redes, outras, não.

Para alguns autores, dentre os quais Anthony Cohen (1998), a "comunidade é uma entidade simbólica", "uma trama que possui sistema de valores e um código moral que proporciona a seus membros um senso de identidade que, por sua vez, gera um processo de construção de sentidos e de significados" (GOHN, 2005, p.56); um sistema de interação social composto por núcleos de vivência e de existência

fundamentados na confiança e na colaboração e, por essa razão, potencialmente capazes de empreender ações coletivas solidárias.

Maria da Glória Gohn vê a comunidade como uma “força local organizada” que, diferentemente do que ocorria nos anos 80, não está mais de costas para o Estado, mas, ao contrário, “é convocada a participar e a interagir com os poderes constituídos e parte de sua força advém dessa interação” (GOHN, 2005, p.59).

Para a autora, esse poder local se exerce no espaço da relação da sociedade civil com a sociedade política, num determinado ‘território’, categoria que passou a ser vista “como categoria fundante e articuladora de práticas políticas, como algo histórico. O território é suporte de práticas identitárias; ele está na base dos conflitos e também na construção de consensos” (GOHN, 2005, p.59).

É, portanto, “no plano local, especialmente num dado território, que se concentram as energias e forças sociais da comunidade”; o “local gera capital social quando proporciona autoconfiança aos indivíduos de uma localidade para que superem suas dificuldades por meio de redes de solidariedade; o local promove coesão social, é fonte de forças emancipatórias, sementes para mudanças e transformação social”. É no local que se dá o compromisso com o território – “local da memória, da língua, da cultura, da religião etc” (GOHN, 2005, p.18). Além disso, “é no território local que se localizam instituições importantes no cotidiano da vida da população como as escolas, postos de saúde, etc” (GOHN, 2005, p.61).

No entanto, “não se muda a sociedade apenas com a participação no plano micro”, embora seja “a partir do plano micro que se dá o processo de mudança e transformação social” (GOHN, 2005, p.61).

Bauman destaca a tensão entre o local e o global, alertando que a globalização, embora seja freqüentemente tratada de forma superficial, é um processo bastante complexo, à medida que gera uma clara divisão na sociedade: de um lado, uma elite “global” e “extraterritorial” e, de outro, o resto da população, “localizada”, territorializada”. Para esse autor, “os processos globalizadores incluem uma segregação, separação e marginalização social progressiva”, pois “os centros de produção de significados são extraterritoriais, estão emancipados das restrições locais” (BAUMAN, 2005, p.9). Sendo assim, conclui o autor, à medida que as iniciativas se concentram em um local, perdem sua capacidade de “gerar e negociar valor”, ficam à margem. Beatriz Sarlo vai mais longe e afirma que, na “sociedade pós-moderna” [...] a “cidadania também se exerce no mercado” (2004, p.24), no consumo, tudo isso, naturalmente, reforçado pela mídia, que traz uma ilusão de ‘pertencimento’, um consumo imaginário – todos os desejos são parecidos, mas

nem todos têm a mesma oportunidade de se concretizarem - e uma identidade que não é a sua.

Ao contrário de Gohn, Sarlo afirma que o bairro deixou de ser “território de uso e pertencimento” porque seus habitantes estenderam suas fronteiras à medida que se converteram em público audiovisual e ficam muito mais dentro de suas casas do que na rua. Como consequência, afirma que lugares que tradicionalmente eram espaços de interação nos bairros – a escola, as bibliotecas populares, as associações de bairro – hoje atraem muito menos. Segundo a autora, recorre-se a esses espaços apenas em momentos de crise ou de necessidades emergenciais (SARLO, 2004, p.113). Isso é especialmente observável, segundo ela, em relação aos jovens que, em geral, buscam alternativas mais sintonizadas com a cultura audiovisual.

Os poucos autores citados exemplificam a complexidade do cenário e as tensões presentes na sociedade em que vivemos, tensões que são ainda mais acentuadas nos grandes conglomerados urbanos, como na Grande São Paulo, onde as iniquidades sociais são profundas e as políticas públicas, que poderiam corrigi-las ou atenuá-las, não chegam.

Nesse cenário, a população menos favorecida foi afastada dos centros urbanos, fixando-se em regiões que, paradoxalmente, apresentam maior carência de infraestrutura e de serviços básicos de atendimento em saúde e educação, bem como de equipamentos de cultura, esporte e lazer.

Dessas reflexões, surgem-nos algumas perguntas: haveria ainda espaço para formas locais de solidariedade e vida comunitária? Os espaços públicos urbanos de convivência ainda têm condição de sobreviver? Como?

Numa clara demonstração das contradições do mundo em que vivemos, verifica-se que, justamente nos bairros mais afastados e nos cinturões de pobreza que se desenvolveram à margem de alguns bairros mais centrais, surgem iniciativas comunitárias voltadas ao desenvolvimento da população, por meio do livro e da leitura. Nos vazios resultantes da omissão do poder público, surgem, cheias de energia, iniciativas as mais diversas, ligadas ou não a organizações comunitárias, articuladas ou não a outras instâncias, respondendo a uma necessidade percebida por um grupo e alavancada pelo esforço coletivo da própria comunidade.

As iniciativas

Conforme mencionado no início deste trabalho, as iniciativas apresentadas no evento e que deram subsídios às nossas reflexões sobre o tema, consistem de

ações voltadas tanto à criação e desenvolvimento de bibliotecas, quanto ao estímulo à leitura. Os relatos que se seguem foram desenvolvidos a partir do material apresentado pelos representantes das comunidades no evento e de outros dados e informações coletadas de fontes diversas.

Biblioteca Comunitária do Projeto Casulo¹

A Biblioteca Comunitária é uma iniciativa do Projeto Casulo², programa que visa ao desenvolvimento das comunidades do Real Parque e do Jardim Panorama, situados na zona sudoeste da cidade de São Paulo.

O Projeto Casulo, fundado em 2003, é uma iniciativa do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) – uma associação civil sem fins lucrativos - em parceria com a Prefeitura de São Paulo e 20 empresas, fundações e institutos. O projeto, com foco em educação, cultura e ação comunitária, prioriza o jovem como agente estratégico de transformação social, estimulando-o e capacitando-o para a implementação de ações sociais e de geração de renda. Atende cerca de 540 adolescentes e jovens, na faixa etária de 12 a 24 anos, em situação de vulnerabilidade social, e tenta suprir, nos seus espaços adequados a oficinas culturais, biblioteca comunitária e auditório, a ausência de espaços culturais públicos, como salas de teatro e cinema, na região.

A Biblioteca também foi criada em 2003, já como parte do Projeto, e possui, hoje, um acervo de aproximadamente 5.000 livros. Realiza, em média, 240 empréstimos de livros infantis e 120 de livros para adultos por mês. Seu público não se limita aos jovens atendidos pelo programa, mas abrange todas as comunidades de baixa renda dos bairros próximos.

Os objetivos da Biblioteca foram sendo construídos coletivamente a partir de um grande esforço de reflexão sobre suas práticas. Para defini-los, os monitores da comunidade foram visitar inúmeros espaços e concluíram que queriam uma biblioteca com o perfil próximo ao da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato, localizada na zona central da cidade de São Paulo. Foi então que conseguiram traçar seus objetivos, quais sejam:

¹ Este relato se baseia na apresentação do projeto feita por Marta Priolli de Oliveira, Coordenadora Cultural do Projeto Casulo, e por Márcia Liça, idealizadora e monitora da biblioteca

² Endereço: Rua Paulo Bourrol, 100 - Real Parque - 05686-050 São Paulo/SP - tel.: 3758-0536 - <http://www.projetocasulo.org.br>

- Contribuir para a formação de crianças, jovens e adultos, moradores das comunidades do Real Parque e Jardim Panorama.
- Contribuir para a democratização da leitura.
- Estimular a leitura prazerosa.
- Possibilitar às comunidades o acesso a materiais escritos de qualidade.
- Fortalecer o hábito da leitura indagadora, reflexiva e crítica como forma de construção da cidadania.

Durante alguns meses, a Biblioteca contou com a colaboração de estudantes de biblioteconomia voluntários que ajudaram na organização e tratamento do acervo e deixaram ao grupo de monitores diretrizes e procedimentos que continuam a ser seguidos até hoje.

Para o cumprimento dos objetivos propostos, além do atendimento à consulta e à pesquisa, a Biblioteca atualmente oferece serviços de empréstimo e atividades de mediação de leitura tanto no local, com cerca de 12 mediações de leitura para crianças por mês, quanto em outras instituições do bairro promovendo, também, saraus. Nas férias escolares, seu programa é ampliado: além das mediações de leitura, oferecem oficinas, jogos, brincadeiras e exibição de filmes.

Os principais desafios identificados pelas palestrantes foram: a captação de recursos para o desenvolvimento de projetos e para sua manutenção; o estabelecimento de parcerias com bibliotecas das instituições locais, bem como com seus educadores; o contato com outras bibliotecas públicas e privadas; a ampliação do atendimento ao público jovem e adulto; a organização do acervo; o envolvimento de um número maior de jovens na gestão do espaço e a implantação de projetos já idealizados tais como o Projeto Livro da Biblioteca, o Quando a Leitura sobe a Viela e o Sarau Infantil.

Obra social da Paróquia de São Mateus Apóstolo - Projeto Mudando a História (Mediação de Leitura)³

As ações de incentivo à leitura na Obra Social da Paróquia São Mateus Apóstolo foram iniciadas a partir da participação da organização no Projeto Mudando a História⁴.

³ O relato se baseia na palestra do educador-mediador de leitura José Roberto da Silva (Beto) e em outros documentos consultados

⁴ Informações sobre o Projeto Mudando a História, no site da Fundação Abrinq: www.fundabrinq.org.br

O Projeto Mudando a História é um dos desdobramentos do programa de cidadania corporativa *Make a Connection*, desenvolvido globalmente pela *International Youth Foundation* em parceria com a Nokia, e implantado no Brasil a partir de 2001, por iniciativa da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, com a coordenação e supervisão da equipe técnica da A Cor da Letra - Centro de Estudos, Assessoria e Pesquisa em Leitura e Literatura Infantil⁵.

O Projeto forma jovens de 13 a 25 anos para atuarem como mediadores de leitura e multiplicadores dessa ação⁶. São estudantes de escolas públicas e particulares, jovens de projetos e ONGs ou universitários que vão atuar como mediadores de leitura junto a crianças que freqüentam creches, escolas de educação infantil ou instituições de atendimento direto à infância em situação de risco.

Seu principal objetivo é oferecer oportunidade de engajamento aos jovens, para que consigam interferir positivamente na sociedade e se tornem referência na comunidade. Outros objetivos são: possibilitar a integração de jovens de diferentes contextos sociais e culturais; ampliar o acesso à leitura e ao livro de qualidade e mobilizar a sociedade para as questões da juventude.

A mediação de leitura é aqui uma estratégia para se alcançarem os objetivos propostos. A opção pela leitura ocorreu porque a leitura não está situada dentro da rede de significados do jovem. A idéia é resgatar a leitura entre os jovens como fonte de prazer. Para ser 'mediador de leitura', o jovem voluntário participa de uma formação de 40 horas e, posteriormente, recebe supervisões mensais da equipe técnica do projeto. Durante a formação, ele participa de dinâmicas onde se discute e reflete sobre como trabalhar com crianças e adolescentes e como se organizar para o trabalho; procura-se, também, enriquecer seu conhecimento sobre livros e literatura infantil. Além disso, o jovem cumpre estágio prático.

Para o jovem mediador de leitura que quer ser 'multiplicador' – formador de novos mediadores – o Projeto oferece formação específica que lhe permite planejar as ações necessárias para mobilizar outros jovens e instituições e elaborar um projeto de formação e acompanhamento de mediadores.

Após a capacitação, o multiplicador supervisiona as atividades do mediador por meio de registros, reuniões, observação e/ou realização conjunta das situações de mediação de leitura. Os multiplicadores também podem promover encontros com mediadores de outras instituições para a troca de experiências.

⁵ Mais informações: www.acordaletra.com.br - tel.: 3817-4490

⁶ De acordo com dados divulgados no *site* da Fundação Abrinq (acessado em 25/06/2006), 3.883 jovens já foram formados como mediadores e multiplicadores de leitura e 54.550 crianças foram beneficiadas pela ação desses jovens. A abrangência do projeto atinge as cidades de São Paulo (SP), Manaus (AM), Parintins (AM), Mogi das Cruzes (SP), Ribeirão Preto (SP) e Santos (SP).

A Obra Social da Paróquia de São Mateus Apóstolo, localizada na subprefeitura de São Mateus, na zona leste do município de São Paulo, acolheu o projeto, em 2005, para engajar o jovem da comunidade em ações de estímulo à leitura.

A ausência do hábito de ler na comunidade e a identificação dos educadores locais com a proposta pedagógica que incentiva o jovem a intervir positivamente na sociedade foram os principais fatores que incentivaram a obra social a apoiar o Projeto.

Cinquenta adolescentes receberam formação de mediadores de leitura, dentre eles quinze multiplicadores. Após a capacitação, os mediadores iniciaram seus trabalhos em nove núcleos, sendo seis da Obra e três de outras organizações que desenvolvem trabalhos em educação complementar, educação infantil e abrigo na região de São Mateus⁷. Em cada núcleo é formado um educador mediador para acompanhar e colaborar com o trabalho dos jovens, além de promover a troca de conhecimento. Atualmente, 870 crianças participam de sessões de mediação de leitura nos nove núcleos.

A formação dos mediadores é feita conforme a demanda e a de multiplicadores são realizadas duas ou três vezes por ano. A supervisão do projeto acontece por meio de uma reunião mensal com a equipe técnica da A Cor da Letra e outra semanal somente com os participantes do projeto na Obra Social.

Além dessas atividades, a equipe de jovens mediadores também se encarrega de oferecer as seguintes atividades: mediação de leitura no Largo de São Mateus; formação de educador mediador; mediação no hospital São Mateus; mediação no Posto de Saúde com idosos do grupo de hipertensão; e formação continuada nos núcleos participantes.

Uma das dificuldades apontadas foi a falta de livros, pois o projeto conta apenas com uma coleção de cerca de 100 livros. Além disso, apontam problemas financeiros: o trabalho dos mediadores é quase voluntário e os educadores nem sempre aceitam bem a idéia de terem mais uma atribuição sem a remuneração correspondente.

Em compensação, ressaltam que a força para enfrentar as dificuldades está nos relacionamentos que se estabelecem tanto entre os mediadores, quanto entre os mediadores e os beneficiários do projeto. Beto afirma que a grande aprendizagem que o projeto possibilitou foi "a descoberta do vínculo".

⁷ Os núcleos em que atuaram os mediadores são os seguintes: N.S.E. Antônio Previato; N.S.E. Jardim Tietê; N.S.E. Vila Flávia; N.S.E. Sapopemba; N.S.E. Construir o Amanhã; Centro de Educação Infantil (C.E.I.) Sonho de Criança; C.E.I. Divinéia; C.E.I. São Mateus; C.E.I. Espaço Criança e Centro de Formação Profissional São Lucas.

O impacto do projeto na família dos jovens voluntários é facilmente percebido, pois os pais solicitam reuniões mensais com o coordenador para se informarem sobre o progresso dos filhos e muitos demonstram o desejo de serem também mediadores. Segundo Beto, o projeto contribui para a leitura que o jovem passa a fazer das situações cotidianas e a participação no projeto de jovens de diversos contextos sociais permite uma constante e enriquecedora troca de visões de mundo.

Estudo de viabilidade para implantação de uma biblioteca na Obra Social Paróquia São Mateus Apóstolo⁸

O estudo teve como objetivo geral avaliar, com base nos pontos fortes e fracos levantados no Projeto Mudando a História (PMH) desenvolvido na Obra Social Paróquia São Mateus Apóstolo, a viabilidade de implantação de uma biblioteca comunitária no local, considerando o potencial existente quanto a recursos humanos, físicos e materiais.

Seus objetivos específicos foram: conhecer e avaliar a ação desenvolvida pelo PMH naquela comunidade; avaliar os principais resultados alcançados, levando-se em conta os objetivos do projeto (formação de mediadores de leitura e multiplicadores); analisar a necessidade e/ou o desejo da comunidade de ter uma biblioteca no local; e analisar as potencialidades da comunidade para a implantação de uma biblioteca comunitária.

O processo de avaliação iniciou-se pelo conhecimento do contexto e do projeto em foco, o que se concretizou por meio do levantamento de informações sobre o projeto e sobre as organizações envolvidas disponíveis em publicações impressas e/ou eletrônicas. Posteriormente, por meio de entrevistas informais e questionários, foram consultados os organizadores e os jovens participantes do projeto. As visitas realizadas também permitiram a observação direta do projeto na Obra Social Paróquia São Mateus Apóstolo.

Antes da estruturação dos questionários para os jovens mediadores, efetuaram-se visitas exploratórias ao Centro de Estudos A Cor da Letra e à Obra Social, onde, por meio de observações e conversas com organizadores e participantes, obtiveram-se informações importantes. Após a familiarização com o projeto e seus envolvidos, elaborou-se um questionário para os mediadores, visando avaliar o impacto do

⁸ Relato baseado na apresentação de Rômulo Martins Morishita, estudante do curso de biblioteconomia e documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

projeto na vida dos jovens e a viabilidade de implementação de uma biblioteca comunitária na paróquia. O questionário foi aplicado no dia 20 de junho de 2006, logo após a reunião semanal dos mediadores de leitura da Obra Social. Todos os presentes responderam o questionário, totalizando 27 questionários respondidos, de um total de 50 mediadores vinculados ao projeto.

Dos 27 entrevistados, 20 (74%) estavam na faixa de 16 a 18 anos de idade e o restante (26%), de 13 a 15 anos de idade. Todos cursavam o ensino médio e moravam no distrito de São Mateus. Dos entrevistados, 25 afirmaram ter entre quatro e seis meses de projeto, um, menos de três meses, e outro, mais de um ano de projeto.

Dentre os principais motivos apontados livremente pelos entrevistados para participar do projeto, constavam a oportunidade de ler e compartilhar o hábito de ler e o prazer em trabalhar com crianças. Na **tabela 1** estão especificadas todas as categorias de resposta identificadas para essa questão (aberta):

Por que você participa do projeto?	Nº de entrevistados
Por gostar de compartilhar o hábito de ler	7
Porque gosta de ler	5
Porque gosta de crianças	5
Para adquirir novos conhecimentos	4
Por ser um projeto diferente	3
Por incentivar um modo diferente de ler	2
Para fazer novas amizades	2
Porque é um trabalho voluntário	2
Para não ficar desocupado	1

Tabela 1 – Principais razões para participar do projeto

Apenas uma pessoa respondeu que nada mudou em sua vida ao participar do projeto; as demais afirmaram que houve mudanças, conforme **tabela 2**:

Algo mudou em sua vida ao participar do projeto?	Nº de entrevistados
Contribuiu para o hábito de ler	13
Melhorou o relacionamento com crianças	10
Se tornou mais comunicativo	7
Aumentou o senso crítico	5
Melhorou os relacionamentos em geral	2
Aumentou a responsabilidade	2
Aumentou a popularidade	1

Tabela 2 - Mudanças na vida ao participar do projeto

O hábito de ler entre os mediadores é confirmado pela **tabela 3**:

Fora a mediação de leitura, com que frequência você lê livros? (Questão fechada)	Nº de entrevistados
Não leio	1
Um por ano	3
Dois por ano	4
Três por ano	6
Mais de três por ano	13

Tabela 3 – Número de livros lidos por ano

Verificou-se que o impacto do projeto vai além das sessões de mediação de leitura: 25 entrevistados afirmaram que sua participação no projeto influenciou familiares e/ou amigos(as), destacando o aumento do hábito de ler e a manifestação do desejo de participarem do projeto. Apenas dois responderam que não influenciaram ninguém devido à falta de interesse das pessoas.

Quanto à utilização de bibliotecas do distrito de São Mateus, 78% dos entrevistados afirmaram não utilizar nenhuma e demonstraram desconhecimento da existência de bibliotecas na região, com exceção das escolares. Na verdade, existe a biblioteca do CEU São Rafael, que, embora localizada em São Mateus, não é acessível à maioria dos entrevistados, que preferem buscar livros com amigos (as) e familiares (**tabela 4**).

Quando quer ler algum livro, onde você o busca? (Questão semi fechadas)	Nº de entrevistados
Com amigos (as)/familiares	18
Na biblioteca da escola	11
Numa biblioteca municipal	6
Num CEU (Centro Educacional Unificado)	2
Numa livraria	1
Outro. Especificar:	1, nas creches onde faz mediação

Tabela 4 – Fontes de busca de livros

Embora a coordenadora da Obra Social São Mateus houvesse informado que já existira uma biblioteca na organização que acabou por ser ‘empacotada’ porque ninguém a utilizava, 26 entrevistados se manifestaram a favor da criação de uma biblioteca ali, tendo sido registrada apenas uma manifestação contrária. Justificaram suas respostas afirmando que a existência de uma biblioteca seria um incentivo à leitura, sobretudo na situação deles, em que não existem bibliotecas acessíveis à comunidade local. Quando foram questionados se estariam dispostos a participar da criação e desenvolvimento de uma biblioteca, 78% dos entrevistados manifestaram-se positivamente, dispendo-se a ajudar sobretudo na formação e

organização do acervo; os que responderam negativamente alegaram falta de tempo.

Quanto à aceitação da biblioteca pela comunidade, 26 entrevistados afirmaram que a biblioteca seria bem recebida e utilizada pela comunidade e muitos justificaram que não existia uma biblioteca acessível na região.

Para os entrevistados, o principal fator que facilitaria a implementação de uma biblioteca seria a vontade e disposição da comunidade, e a principal dificuldade, a falta de verbas.

A pesquisa concluiu que o objetivo do projeto – a formação de jovens mediadores e multiplicadores, agentes de intervenções e transformações sociais – tem sido alcançado na Obra Social Paróquia São Mateus Apóstolo. A mudança na vida de cada jovem é percebida claramente por eles e o aumento no hábito de ler não só tem contribuído para um melhor desempenho escolar, mas também se reflete nos relacionamentos e na ampliação de sua visão de mundo e na leitura crítica da realidade. O projeto também possibilitou aos jovens mediadores influenciar amigos e familiares, além das crianças, beneficiárias diretas das mediações de leitura.

A necessidade de uma biblioteca comunitária próxima à paróquia ficou evidente na pesquisa e, mais que isso, essa biblioteca parece ser desejada por todos. A principal condição para a sua implementação já existe: a disposição da comunidade local de participar diretamente do processo.

Biblioteca Comunitária “Livro-para-que-te-queiro”⁹

A Biblioteca Comunitária Livro-Pra-Que-Te-Quero, ligada ao Núcleo Cultural Poder e Revolução, localiza-se no Parque Bristol e atende não apenas as comunidades do bairro, mas também as do Jardim São Savério e da Vila Livieiro.

Surgiu do esforço de um grupo de sete jovens que, no ano de 1998, se preparavam para o vestibular e sentiam na pele a dificuldade de ter acesso a material para estudo em uma região desprovida de bibliotecas públicas e de outros equipamentos de cultura e lazer.

Com a fundação, em 1999, da posse *Poder e Revolução*, um grupo de cerca de 30 jovens envolvidos com o movimento hip-hop começou a realizar intervenções

⁹ Relato baseado na apresentação de Maria Nilda de Mota Almeida (Dinha), uma das idealizadoras e coordenadoras da Biblioteca e outros documentos consultados.

culturais locais. Durante essas intervenções, o grupo arrecadava livros que constituíram o acervo inicial de uma pequena biblioteca no Mutirão Jardim Celeste. Aos domingos, duas integrantes do grupo mediavam leitura para as crianças e adultos do entorno.

Em 2002, a biblioteca perdeu o seu espaço e os livros foram levados para a casa de um dos integrantes do grupo – o Vander – que, “durante um ano, dormiu por cima de livros”, que era tudo o que cabia em seu quarto. “Contam que ele era o rapaz mais culto do bairro”. Foi o primeiro do grupo que entrou na USP e alguns dizem que ele absorveu o conhecimento “por osmose”.

Em 2003, graças a uma parceria com o Instituto Brasileiro de Estudos de Apoio Comunitário (IBEAC) e com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), surgiu o Núcleo Cultural Poder e Revolução e, no ano seguinte, surgiu o “Maloca Espaço Cultural” onde, há um ano, funciona a Biblioteca Comunitária Livro-Pra-Que-Te-Quero. Em 2006, graças a uma parceria com o Banco Santander Banespa, conseguiram-se recursos para o pagamento de uma bolsa-auxílio para a contratação de uma atendente na biblioteca.

O público-alvo atendido pela biblioteca é constituído por crianças, adolescentes, jovens e suas famílias. Atualmente possui 540 usuários inscritos e 180 sócios, contando-se aqui apenas os adultos, que deveriam contribuir com R\$ 1,00 (um real) por mês.

Os usos mais freqüentes da biblioteca são para leitura e empréstimo de livros, ensaios de música e dança e reuniões de grupos organizados. Pretende-se que a biblioteca, considerada “um espaço maravilhoso”, seja utilizada para lazer e cultura, pois, para trabalhos escolares, os estudantes podem recorrer às bibliotecas/salas de leitura existentes nas escolas. Por isso, logo se definiu a vocação da biblioteca, que constitui, ao mesmo tempo, seu maior desafio: “formar leitores e leitoras”. Para enfrentar esse desafio, inventam seus próprios meios, sempre criativos, como o projeto “PodeLevar”: o leitor que quiser copia um trecho de um livro, ou um poema, anota a localização do livro na estante e o endereço da biblioteca e prega o pedaço de papel em postes, em diversos pontos do bairro, convidando o leitor a conhecer o resto da obra na biblioteca.

Dentre as atividades regulares da Biblioteca capazes de mobilizar a comunidade, destacam-se: saraus e mediações de leitura, que se realizam desde 2000 e que têm como objetivo também fazer com que as crianças e adolescentes produzam

histórias; a oficina de rima (MC¹⁰), o projeto Dançando no Ritmo dos Direitos Humanos e as oficinas de artesanato, axé, break, samba-rock e direitos humanos.

Biblioteca Comunitária UNAS de Heliópolis¹¹

A Biblioteca Comunitária de Heliópolis¹² é coordenada pela União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Climaco – UNAS¹³. A UNAS surgiu, no final dos anos 70, da necessidade de os moradores lutarem por habitações dignas e, desde então, desenvolve ações voltadas à melhoria da qualidade de vida local, com objetivo maior de centralizar as forças espalhadas por toda a área abrangida pela favela de Heliópolis, além de organizar o movimento dos moradores.

Sua missão consiste em “promover a cidadania, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade”. Por essa razão, além de desenvolver ações na área de moradia, desenvolve também ações em outras áreas – saúde, bem-estar social, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização, meio ambiente, assistência judiciária, atendimento à criança e ao adolescente dentre outras - tendo em vista a formação de cidadãos, coerentes, críticos e participativos.

Desenvolve projetos em parceria com o estado e a iniciativa privada em benefício da própria comunidade. No entanto, mesmo com esse esforço de articulação, a UNAS não consegue atender nem a 1% da população carente de Heliópolis.

Heliópolis é hoje considerada a maior favela de São Paulo e a 2ª maior do Brasil e da América Latina. Em uma área de 1 milhão de m², reúne uma população de cerca de 120 mil habitantes. 52% dessa população encontra-se na faixa etária de 0 a 25 anos e 91% dela é de origem nordestina. Por estar localizada dentro da maior metrópole do país, apresenta uma série de contradições sociais: é um local totalmente carente, apesar de organizado; e sofre problemas relacionados à violência, tráfico de drogas, crime organizado, desestrutura familiar e desemprego.

A Biblioteca foi fundada em setembro de 2005 e faz parte do projeto ‘Identidade Cultural de Heliópolis’, idealizado pelo arquiteto Ruy Ohtake e desenvolvido em

¹⁰ MC é um acrônimo para Mestre de Cerimônias. Surgiu nos Estados Unidos junto com a cultura hip hop. Começou animando as festas enquanto o DJ cuidava das músicas. Geralmente usando rimas, o MC divertia o público e apoiava o DJ. Mais tarde, começou a se afirmar como principal atrativo das festas de hip-hop.

¹¹ Relato baseado na apresentação de Tânia Maria de Jesus e José Augusto de Oliveira, monitores da Biblioteca Comunitária de Heliópolis.

¹² Endereço: Rua da Mina, 52 A – Heliópolis – São Paulo/SP – tel. 6168-5846 – e-mail: bibliotecaheliopolis@terra.com.br

¹³ Mais informações: www.unas.org.br

parceria com o Banco Panamericano, que contribui com acervo, pessoal e infraestrutura.

É importante destacar que a Biblioteca surgiu do desejo da comunidade, identificado por meio de consulta à comunidade em reuniões na UNAS, e contou com a orientação de profissionais de várias áreas (arquitetos, bibliotecários, professores entre outros), que colaboraram no planejamento e nas diversas etapas de implantação da biblioteca.

Para abrigar a biblioteca, uma casa na rua central da favela foi alugada e totalmente reformada e oferece espaços diferenciados a seus diferentes públicos – crianças, jovens e adultos.

A equipe que atua hoje na biblioteca é constituída por cinco adolescentes da própria comunidade que, como monitores, recebem uma ajuda de custo mensal para o cumprimento de suas funções, com uma carga horária de 6 horas. No período de julho a dezembro de 2005, os jovens monitores tiveram o acompanhamento de um bibliotecário que, contratado pela UNAS, colaborou na seleção, organização e tratamento do acervo, assim como no desenvolvimento de um sistema de controle de empréstimo e consulta.

Seu acervo é composto de cerca de 4.000 livros, recebidos em doação, tanto de moradores locais, como de outros bairros, mas também de editoras. Possui uma coleção de gibis que atrai muitos jovens.

Com amplo horário de funcionamento, de segunda a sexta-feira, das 9h às 20h00 e sábado, das 9h às 14h, a biblioteca atende, diariamente, de 50 a 100 pessoas de todas as idades, moradores da comunidade e de bairros vizinhos, e oferece a todos, adultos e crianças, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de sua comunidade.

A exemplo do que ocorre nas outras regiões aqui mencionadas, a equipe de Heliópolis também encontra formas criativas para mobilizar a comunidade para a importância da leitura e para divulgar a biblioteca. É o caso do *rap* composto por Augusto, que é veiculado na radio comunitária de Heliópolis.

*Heliópolis agora tem uma biblioteca,
ela é comunitária para todos é aberta.
Tem acervo muito bom com um objetivo.
Pra você ter uma noção tem cerca de uns três mil livros.
Se você é um daqueles que não quer acreditar,
pode vim comparecer garanto você vai gostar.
Termo por aqui, com todo respeito,
venha pra biblioteca adquirir conhecimento.*

(Letra do rap de José Augusto de Oliveira)

Ao citarem Mario Quintana – “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros só mudam as pessoas” – os monitores afirmam que o maior desafio da biblioteca é contribuir para o desenvolvimento da comunidade por meio da leitura, da informação e da transferência de conhecimento.

Biblioteca Comunitária Solano Trindade¹⁴

A Biblioteca Comunitária Solano Trindade¹⁵ foi criada por iniciativa do Núcleo Cultural Força Ativa e implantada, em outubro de 2001, em Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo.

O Força Ativa surgiu como uma posse de rappers em 1989, em Santana, na região norte de São Paulo, mas, desde 1994, atua em Cidade Tiradentes, concentrando-se, inicialmente, na denúncia de temas relacionados ao racismo e à exploração da mulher trabalhadora. Uma de suas formas de atuação é o que eles denominam “rap politizado”. Alguns integrantes do Força Ativa faziam parte do grupo de rap Juventude Armada, que, em 1995, deu início ao Projeto Vamos Ler um Livro. Um de seus integrantes, Betinho, compôs a música [“Vamos ler um livro”](#) (link e/ou anexo), que era apresentada pelo grupo nas escolas locais. A música discutia a importância da leitura para os rappers, uma vez que sua função era transmitir conhecimento e estimular discussões. Por meio de sua música, o grupo difundia a importância da leitura como meio de se informar, de se politizar e de entender e questionar a sociedade brasileira. Com palestras e ações junto às escolas, o grupo foi agregando à sua causa pessoas que não eram do hip-hop. Foi o início da mobilização da comunidade para a criação de uma biblioteca, já que os moradores da Cidade Tiradentes, por não contarem com biblioteca pública, tinham muita dificuldade de acesso ao livro e à leitura. Para utilizarem biblioteca, tinham de ir a Guaianazes, São Mateus ou outros bairros vizinhos, pois nem mesmo as bibliotecas das escolas públicas locais estavam disponíveis: atendiam apenas os seus alunos e não se preocupavam em motivá-los para a leitura. Cidade Tiradentes é um bairro-dormitório, e, assim como outros bairros periféricos, não é favorecido pelas políticas públicas.

Em contato com a ONG Ação Educativa¹⁶, o grupo foi convidado a participar de um projeto voltado a melhores condições para a educação, o Projeto Integrar pela

¹⁴ Relato baseado na apresentação de Weber Lopes Góis, integrante do Núcleo Cultural Força Ativa e coordenador da Biblioteca.

¹⁵ Nome oficial: Centro de Documentação em Direitos Humanos e Biblioteca Solano Trindade

¹⁶ <http://www.acaoeducativa.org.br>

Educação. Nesse momento, o Força Ativa estava decidido a implantar a biblioteca comunitária dentro dos novos conceitos de biblioteca – que inclui também brinquedoteca, videoteca, e atividades culturais (grupos de estudos, cursos, mostras de vídeo, etc) – e dispôs-se a interagir com o poder público e com a sociedade civil para a concretização do projeto.

Graças às parcerias com o Projeto Integrar – que financiou a aquisição de um acervo inicial e outros materiais - e com o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) – que cedeu o espaço para a instalação da biblioteca, a biblioteca foi finalmente inaugurada.

O interesse pela biblioteca foi aumentando à medida que os usuários conheciam o espaço, gostavam e divulgavam no boca-a-boca, já que não havia recursos para a sua divulgação. Em um ano, 400 usuários foram cadastrados e, em 2003, esse número já somava 2.000 pessoas.

A Biblioteca fica aberta ao público de segunda a sexta-feira, das 10h00 às 18h30. Oferecem-se serviços de consulta e orientação à pesquisa e empréstimo. As crianças constituem a maior parcela do público e buscam, sobretudo, gibis e livros infantis. Adolescentes e adultos também freqüentam o espaço, sobretudo aqueles que decidem retomar seus estudos. O acervo cresce continuamente e o número de usuários aumenta dia-a-dia. Membros do Força Ativa se revezam no atendimento ao usuário e na organização do acervo, ainda toda calcada em processos manuais. O Força Ativa responde pela gestão do espaço e por sua manutenção, que constitui seu principal desafio.

Associação Biblioteca Zumaluma¹⁷

A idéia de criar uma biblioteca na Favela do Inferninho¹⁸ foi de César Mateus Rosalino, conhecido na comunidade como 'Vulto', militante desde 1988. A sede está situada numa casa na Favela do Inferninho, no município do Embu das Artes, na Grande São Paulo, um local caracterizado por alto índice de violência. Com a idéia de biblioteca na cabeça, apossaram-se de uma casa abandonada na Favela que já tinha sido espaço de desmanche e local de cativoiro.

¹⁷ Relato baseado na apresentação de Renato Nunes da Silva (Bisturi).

¹⁸ Endereço: R Americanópolis, Viela da Cultura, 77 - Favela do Inferninho, Jardim Santa Tereza - 06813-130 Embu/SP – tel.: 4782-5532 - site: <http://www.zumaluma.com> - e-mails: zumaluma@uol.com.br e associacaozumaluma@hotmail.com

O nome Zumaluma foi escolhido com cuidado, dentre outros nomes levantados de personalidades significativas para aquela comunidade, tais como: Zumbi dos Palmares, Malcom X, Martin Luther King e Nelson Mandela.

A casa foi “reformada” pelos próprios jovens idealizadores do projeto com a ajuda de moradores da Favela. A biblioteca começou a funcionar com livros doados pela própria comunidade, que vivia “entre a pobreza e a miséria”. Depois o grupo começou a pressionar a Prefeitura por recursos, mas não teve muito retorno.

No início, segundo Bisturi, seu maior problema era com a polícia, para quem o grupo era “um monte de jovens, vagabundos, que deviam ter ocupado a casa para usarem droga”. Entraram, então, em contato com um advogado da Câmara Municipal que os ajudou a escrever um ofício à polícia, explicando o projeto de criação da biblioteca. Foi dessa forma que conseguiram que os policiais parassem incomodá-los e, aos poucos, conseguiram demonstrar a que vieram e ampliaram suas ações, passando a oferecer cursos – artesanato, capoeira, etc – com o apoio de voluntários e articulados a organizações da sociedade civil. Isso lhes trouxe experiência de trabalho no Terceiro Setor e ajudou-os na elaboração de projetos, que hoje constituem sua maior fonte de sustentabilidade, já que o convênio com a Prefeitura cobre apenas as despesas de água, luz e telefone.

Uma das formas de atrair o jovem para a leitura, para citar apenas uma, é por meio de cursos de MC: os jovens são estimulados a estudar e fazer pesquisas para MC, o que é feito utilizando tanto livros, quanto filmes.

A relação com a comunidade é pautada pelo respeito. A biblioteca transformou-se no lugar dos filhos e da família, e o trabalho tem como principal objetivo o “resgate dos valores humanos”.

Com os políticos, segundo Bisturi, vale a mesma regra: “a política é a gente que faz e o político tem que ser um bom vizinho, aquele que pode emprestar o açúcar, o sal... sem querer o seu nome na camisa”.

Para se firmar e ganhar reconhecimento junto às autoridades locais, há seis anos optaram pela institucionalização do projeto e criaram a Associação Biblioteca Zumaluma. A Zumaluma é formada por um grupo de jovens engajados no Movimento Revolucionário Não-Violento e junto com a prefeitura montaram um projeto chamado Hip-Hop versus AIDS que atendeu 35.000 alunos de todas as escolas do Embu. Segundo Bisturi “foi o projeto que alavancou o nosso nome na cidade”.

Hoje a Biblioteca possui também um telecentro que funciona todo o final de semana para acesso livre (Internet, MSN, Orkut, entre outros). Este espaço é considerado

por eles um ambiente de inclusão digital, pois abre a possibilidades de inúmeras pessoas, que antes estavam isoladas e muitas vezes deprimidas, ampliarem seus horizontes e estabelecerem novos contatos. Durante a semana, de segunda a sexta, no telecentro, são oferecidas aulas de informática e a oportunidade de participação no projeto de jornalismo comunitário. O acesso à internet passa a ser também uma das formas de apoio à pesquisa escolar na biblioteca.

As grandes dificuldades relatadas se referem à burocracia na administração da associação e à captação de recursos. As doações são sempre bem vindas, assim como as parcerias. O vídeo da Zumaluma, produzido com o grupo musical carioca O RAPP¹⁹, por exemplo, foi resultado de uma parceria que incluiu também a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE)²⁰.

Aprendizagens

Para uma comunidade existir no mundo, tem, segundo Bauman, de ser “tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.” (BAUMAN, 2003, p.134). A sobrevivência das comunidades depende da ampliação de ações coletivas, do espírito da solidariedade, do cultivo das relações e do compartilhamento de responsabilidade.

Ao término da primeira apresentação das iniciativas, ainda no início do evento, já pudemos verificar que a primeira pergunta já estava respondida. A biblioteca comunitária não só é possível como ela **acontece**²¹. Esse entendimento a que os líderes comunitários, intuitivamente, chegaram, de que uma biblioteca é um resultado de um processo, algo que se pode ‘fazer acontecer’, derruba idéias errôneas e amplamente disseminadas de biblioteca como acervo, como algo que se pode ‘comprar feito’. Também demonstraram, naturalmente, o que os teóricos apregoam e políticas culturais de estado muitas vezes ignoram: que cultura se faz com pessoas.

Pelas experiências apresentadas, ficou evidente a importância que os grupos dão à **construção coletiva** – quer para a criação da biblioteca e sua manutenção, quer para a mobilização para a leitura ou para o desenvolvimento de outras atividades culturais. Essa construção coletiva se expande, a partir de um pequeno grupo, aos

¹⁹ Mais informações ver site <http://paginas.terra.com.br/arte/pemacaco/orappa.htm>

²⁰ Mais informações ver site <http://www2.fase.org.br>

²¹ Expressão utilizada por Márcia, da Biblioteca do Projeto Casulo.

membros da comunidade, e se mantém pelo fortalecimento dos vínculos entre as pessoas, tendo como motivação a crença no projeto ou na ideologia que o sustenta, ou, simplesmente, a relação de afeto que gradualmente se constrói. 'Aproximação' foi uma palavra presente nas falas dos palestrantes presentes ao Encontro. Esse afeto se faz sentir na relação respeitosa com as pessoas, sobretudo com as crianças. 'Nossa família' foi a expressão usada para designar o grupo envolvido com a biblioteca e seus freqüentadores. Alguns se referiram ao espaço cultural (a biblioteca) como 'a nossa casa'. Essa é uma questão que não pode passar em branco – chega a ser revolucionária em relação ao conceito de biblioteca comunitária ou pública que os especialistas perseguem: a biblioteca como espaço de prazer, vindo **de** encontro ao que acontece na maioria das bibliotecas públicas (e mesmo em diversas bibliotecas comunitárias), onde a maioria das consultas à biblioteca tem fins utilitários.

Importantes fatores de sucesso verificados nas iniciativas estudadas são: o **comprometimento** com o projeto, a ponto de transformarem em uma causa o objetivo de incentivar a leitura e dar acesso à informação; em decorrência desse comprometimento, a **consciência** crítica e política de seu papel por parte das lideranças que se foram formando; o **conhecimento** do potencial transformador do projeto e a importância da **participação** e do **envolvimento** da comunidade; a importância da negociação, seja ela com os moradores, com o poder público (escola, órgãos de segurança pública etc) ou com parceiros da iniciativa privada ou do terceiro setor. Esses fatores contribuem para reforçar o sentido de **pertencimento** à comunidade, que, para eles, é completamente natural.

Percebemos que a biblioteca comunitária surge como uma resposta criativa a carências crônicas da comunidade – falta de investimento na criação de novas bibliotecas públicas, falta de informação, falta de acesso ao livro, falta de acesso ao ensino de qualidade e, na base, falta de condições econômicas que garantam o acesso à cultura.

A biblioteca comunitária, embora desenvolva ações culturais relevantes, não tem a pretensão de atender a todas as necessidades de informação e cultura de sua população. Tem dificuldades de formar acervo de qualidade, de disponibilizar material atualizado, de organizar suas coleções e de possibilitar às equipes que trabalham nesses espaços oportunidades de formação e qualificação. Por outro lado, oferece-nos ações de grande potencial criativo e inovador.

Os projetos de mobilização e divulgação apresentados são exemplares como estratégias de comunicação. Suas formas de expressão e a linguagem utilizada fazem sentido na comunidade. Por isso, são capazes de atrair e mobilizar a

comunidade. Destaque-se, a título de ilustração, o projeto “PodeLevar” apresentado por Dinha, da biblioteca Livro-para-que-te-queiro, e dos usos estratégicos do *rap*²² para divulgar a biblioteca, conscientizar sobre a necessidade de informação e conhecimento e incentivar a leitura.

A linguagem que os jovens protagonistas utilizam na sua ação local é forte elemento identitário, promove a coesão local, reforça laços e marca território, no entanto não nos parece, restritiva, ou melhor, não aprisiona essas comunidades em guetos incomunicáveis com outras instâncias da sociedade em que vivem. Os jovens agentes demonstram habilidade de se articular em outros territórios que não são os do seu dia-a-dia, prova disso é o sucesso que fizeram em suas apresentações no Itaú Cultural durante o evento. Os jovens agentes, enfrentando - talvez sem ter consciência disso - o perigo, apregoado por Bauman, que correm as comunidades de serem deixadas à margem, têm atuado intuitivamente como elemento de ligação do local com o global, à medida que circulam por outros espaços da cidade, articulam-se com outros agentes e com outras esferas de poder, ou integram-se a projetos ou programas mais amplos. As lideranças dos grupos em ação cultural acabam por exercer a mediação entre as mídias e as comunidades, entre os valores veiculados pela mídia e pelo *shopping-center* e os valores que realmente são de interesse para as suas comunidades. Ao explorar todas as ferramentas que têm à mão para o incentivo à leitura, incluindo a música, o vídeo e a poesia, os jovens encaram com naturalidade o diálogo entre os clássicos da literatura e o *rap*, por exemplo.

Todos parecem estar abertos a parcerias com a universidade, por exemplo, e mostram-se bastante amadurecidos para encarar essa convivência, ao explicitarem alguns princípios que a devem nortear: não perder autonomia, não aceitar tratamento discriminatório, e não aceitar relação de imposição. A troca é o objetivo que deve nortear a relação.

As bibliotecas e pontos de leitura foram apresentados como verdadeiros espaços públicos de cultura e informação que a comunidade efetivamente desenvolve, frequenta e valoriza. Todos crescem com a ação, não apenas os moradores em geral, particularmente as crianças e adolescentes, públicos da ação, mas também os jovens monitores que ali atuam e que passam a ser valorizados pela comunidade, que a eles confia suas crianças. Esses jovens ganham um papel na comunidade e vêem reconhecido esse papel, o que serve de reforço à sua auto-

²² O *rap*, gênero musical amplamente disseminado entre os jovens, com suas letras recitadas, tem sempre o intuito de discutir com o seu público, servindo como meio de expressão para problemas e situações do dia-a-dia.

estima, ajuda significativamente no desenvolvimento de habilidades de comunicação, apura a sensibilidade, amplia a visão de mundo, dando-lhes condições de enfrentar com mais segurança e de reagir às diversidades do meio **com dignidade e atitude cidadã.**

É sobretudo por meio da própria prática do trabalho sociocultural e da leitura – ‘leitura de livro’ e ‘leitura de mundo’ – que os jovens se capacitam e aprimoram e a atividade em equipe parece potencializar a força do grupo, permitindo-lhe vencer uma série de obstáculos impostos à comunidade em decorrência, não apenas de carências concretas, mas também da excessiva valorização do dinheiro em detrimento de valores humanitários, relacionados ao desenvolvimento de laços de solidariedade e afeto, à ética e aos valores de cidadania e à aquisição, compartilhamento e transmissão de conhecimento.

O reconhecimento, por parte dos jovens, do direito à informação livre e plural e à leitura é conquistado por meio de suas ações culturais, apoiadas na informação e no conhecimento, mas sempre valorizando a necessidade de se reforçarem os laços da comunidade - sua história, suas experiências, seus gostos, seus valores - sem que isso, no entanto, signifique segregar-se. Valorizar o local significa, aqui, marcar território e fortalecer-se para enfrentar o que é diferente: outros contextos, outros valores, outras lógicas, outra complexidade.

Nessas ações locais, em que os grupos acabam aprofundando seu conhecimento do ambiente em que atuam, um dos aspectos que vieram à tona foi a dificuldade de comunicação e articulação com a escola e com a biblioteca escolar. Embora os projetos de estímulo à leitura sejam fundamentais na educação e as bibliotecas, importantes instrumentos para a formação e desenvolvimento das crianças e jovens, bem como da população em geral, são raros os casos de projetos conjuntos biblioteca-escola bem sucedidos.

Além da leitura, veio à tona a questão da pesquisa. Por falta de bibliotecas escolares, as bibliotecas comunitárias são procuradas pelos estudantes para atender as demandas referentes à pesquisa escolar. No entanto, sabe-se que, para isso, necessitariam, por um lado, de acervos atualizados e diversificados, e, por outro, de equipe capacitada em metodologias e práticas que envolvem conhecimento especializado.

Para superar essas dificuldades, um dos caminhos possíveis é a ampliação das articulações, seja localmente, por meio de acordos dos líderes comunitários, com as bibliotecas dos Centros de Educação Unificados (CEUs) ou com as bibliotecas públicas, por exemplo; seja no nível macro, por meio de acordos ou convênios mais amplos entre secretarias municipais, como as da Educação e Cultura. Nesses casos,

o impacto das ações é potencialmente maior, à medida que a área de abrangência pode se expandir para todo o município. Além disso, uma ação mais ampla tem maior probabilidade de se transformar em política pública, deixando de ser apenas ação eventual.

Outras alternativas seriam os convênios com os cursos de biblioteconomia e de documentação ou de ciência da informação, que poderiam desenvolver projetos conjuntos, ou ainda a busca de formação técnica ou em nível superior na área de Biblioteconomia e Documentação por parte dos jovens da comunidade, de forma a qualificar suas práticas²³.

Em relação à sustentabilidade, as iniciativas analisadas constituem uma amostra do quadro que encontramos na cidade, que apresenta características bem diversas. Algumas são mantidas por institutos empresariais – e, nesse caso, geralmente possuem instalações mais adequadas e equipe mínima remunerada. Outras são mantidas por organizações da sociedade civil, e as condições de suas bibliotecas e de seus serviços são geralmente proporcionais a seu porte e abrangência – nesses casos, normalmente, também há um espaço específico para a biblioteca e uma equipe mínima remunerada, à qual se somam, muitas vezes, alguns voluntários da comunidade e até, eventualmente, outros profissionais voluntários; verificam-se, também, relações com outros parceiros do terceiro setor e da iniciativa privada, bem como com o estado, que, em alguns casos, fornece alguma infra-estrutura para a manutenção do espaço e bolsas para jovens monitores.

Outras iniciativas, no entanto, constituem projetos isolados e, nesses casos, em que pesem algumas articulações, geralmente locais, apresentam maior dificuldade de desenvolver serviços e acervos, contando quase que exclusivamente com voluntários. Notam-se, no entanto, que, mesmo nesses casos, os jovens protagonistas souberam inventar uma forma de sobrevivência: passaram a organizar ou ministrar cursos que lhes viabilizavam a atividade na biblioteca.

Já os projetos vinculados a programas mais amplos²⁴ apresentam melhores condições de sobrevivência, pois recebem apoio técnico e recursos financeiros regulares, que viabilizam suas ações e lhes garantem sustentabilidade. Trata-se de projetos com objetivos bem definidos, cujas mantenedoras se incumbem de conseguir recursos financeiros junto a instituições internacionais ou junto à iniciativa privada e, às vezes, também ao estado. Isso possibilita o fortalecimento

²³ Verifica-se que vários jovens que atuam nesses espaços buscaram formação superior na área de Educação, como é o caso Márcia, da Dinha e do Beto, mas nenhum deles optou pela formação especializada.

²⁴ É o caso do Projeto Mudando a História, financiado pela Nokia, que, como vimos, faz parte de um programa liderado pela Fundação Abrinq e A Cor da Letra e está ligado a um programa internacional denominado *Make a connection* da International Youth Foundation (<http://www.iyfn.org/>).

dos agentes da comunidade, garantindo-lhes formação específica e o monitoramento e a assistência que se fizerem necessários ao longo do desenvolvimento do projeto.

A maioria das iniciativas que funcionam como projetos – formalizados ou não – têm consciência da necessidade de se instituírem como organização da sociedade civil para poderem se beneficiar de financiamentos externos e ampliar seu papel junto à comunidade.

Em que pese a referida diversidade das iniciativas, verificamos que, para garantir a manutenção dos espaços e/ou das ações culturais que desenvolvem, todas destacaram a importância de:

- garantir-se a participação da comunidade, seja por meio de pequenas quantias arrecadadas, seja por meio do trabalho solidário de integrantes da comunidade;
- estimular a participação de instituições que atuam na comunidade (instituições privadas e organizações do terceiro setor)
- manter e ampliar as atividades culturais e educacionais desenvolvidas e oferecidas pelas bibliotecas (cursos de formação em informática, música, línguas, teatro, entre outros).
- articular-se com o poder público de forma a garantir, minimamente que seja, o cumprimento das atribuições de sua responsabilidade.

É interessante ressaltar que, embora muitas iniciativas desenvolvam um trabalho voltado especificamente à leitura e outras salientem a importância da informação e do conhecimento para o desenvolvimento da comunidade, poucas destacaram, dentre seus pontos frágeis, a desatualização ou a má qualidade do acervo. Essa questão merece algumas reflexões. Não há dúvidas de que, na criação da biblioteca, a ação – entendida aqui como esforço comunitário participativo – deve ser mesmo o motor inicial. É ela que mobiliza para o cumprimento do objetivo, articula e integra o grupo. É pela ação que o acervo se forma e se desenvolve. Nesse sentido, as políticas culturais do governo, que têm favorecido o acervo – a distribuição de livros – parecem ignorar esse movimento da sociedade civil. Não adianta haver livros onde não há leitores. Por outro lado, é preciso que os acervos incipientes que se vêm formando por meio dessas iniciativas se desenvolvam em quantidade e qualidade, tanto para responder a anseios dos que já lêem, como para estimular os que ainda não o fazem. Acervos não podem ser formados apenas com doações aleatórias. Precisam ser desenvolvidos de acordo com políticas consistentes e pertinentes a cada comunidade. Isso demanda ação especializada e recursos específicos e continuados.

Considerações finais

Acreditamos que esses encontros sirvam de estímulo para novas reflexões e gerem novos vínculos, alimentados, de uma parte, por experiências e vivências, e, de outra, por conhecimentos técnicos e teóricos que os profissionais e a universidade podem oferecer.

É importante ressaltar que os jovens estão abertos e dispostos a receber apoio, trocar experiências e participar de discussões que possam qualificar suas próprias práticas ou a colaborar para a qualificação de outras experiências e/ou grupos.

Questões relevantes foram discutidas neste relato, mas novas perguntas surgiram, como as que se seguem:

- Como integrar esforços da universidade, das empresas privadas e do Estado para a continuidade e a multiplicação dessas iniciativas?
- Como aproximar as bibliotecas públicas, escolares e comunitárias?
- Como avaliar resultados e impactos das ações e aprimorá-las?

Trata-se, agora, de buscar junto aos diversos atores envolvidos com os aspectos teóricos e práticos das bibliotecas, das ações de estímulo à leitura e da informação pública respostas conjuntas para essas questões, que pedem soluções concretas, e para outras que possam ainda surgir.

Universidade, estado e lideranças comunitárias reúnem os recursos e as competências necessárias ao desenvolvimento de ações transformadoras. O Encontro promovido pelo Itaú Cultural abriu o diálogo. Cabe, a partir de agora, às partes interessadas, demonstrar o interesse no esforço cooperativo que constitui, antes de tudo, um importante processo de aprendizagem e troca de conhecimento.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidades: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro : Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *La globalización: consecuencias humanas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

A Cor da Letra. *Quem somos*. Disponível em:

<www.acordaletra.com.br/menu.html>. Acesso em: 21 abr. 2006.

FUNDAÇÃO Abrinq. *Programa Mudando a História*. Disponível em:

<www.fundabring.org.br/portal/alias_abring/lang_pt-BR/tabid_115/default.aspx>. Acesso em: 30 abr. 2006.

GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.

GOROSITO LOPEZ, Antonio. La biblioteca comunitária: uma experiência de organización social, educativa y cultural. *Biblios*. v.4, n.15, p.35-40, abr/jun. 2003.

GRUPO de Instituto Fundações e Empresas. *Casos concretos: projeto mudando a história*. Disponível em:

<www.gife.org.br/casos_noticias.php?codigo=6444&tamanhodetela=2&tipo=ie>

Acesso em: 05 maio 2006.

HARASAWA, Ely (coord). *Biblioteca Viva: fazendo a história com livros e leituras*.

Disponível em:

<[www.fundabring.org.br/_Abrinq/documents/biblioteca/biblioteca_viva\[1\].pdf](http://www.fundabring.org.br/_Abrinq/documents/biblioteca/biblioteca_viva[1].pdf)>

Acesso em: 28 mar 2006.

OBSERVATÓRIO de Educação e da Juventude. *Políticas e práticas de leitura no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SARLO, Beatriz. *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura en la Argentina*. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.